



TCC/UNICAMP
014c
2372 FEF/913

Aylton Quirino de Oliveira

CORPOREIDADE E DEFICIENCIA

Aspectos de uma Pratica

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educacao Fisica
Campinas-SP
-1992-



1290002372

Monografia apresentada como
exigência parcial para obtenção do
título de Especialista em Educação
Física Adaptada da Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas, sob orientação
do Profº Dr. Wagner Wey Moreira.

AGRADECIMENTOS

Ao Profº Wagner Wey Moreira,

pela paciência e confiança depositadas em mim

Aos professores do curso de Especialização,

pelo empenho (apesar dos revêses) com o qual levaram o curso

Aos colegas de curso,

pelo o que cada um me passou

Aos amigos: "Jão", Klaus e Mirko,

pela força...valeu !

Ao Raul,

cunhadão "gente fina"

DEDICATORIA

Dedico este Trabalho:

-A minha mãe AUGUSTA e meu pai SERAFIM,
por terem me iniciado nos estudos.

-Aos meus irmãos: ADYLSO, NEIDE, LENI e o
AMYLTON,
*por me valer do exemplo de cada um, e com
isto, ter a certeza e a confiança cada vez
maiores, nas pessoas e na vida.*

-A minha noiva MIYUKI,
*por ter sempre enaltecido em mim as virtu-
des, sem contudo deixar-me perder a consciên-
cia dos defeitos...também por tudo que passa
mos e por tudo que ainda haveremos de passar*

-As pessoas portadoras de Deficiência visual,
*pelo convívio e o exemplo de amor a vida que
me deram.*

RESUMO

Este estudo busca partir dos aspectos gerais ao específicos, assim inicia com uma abordagem geral a cerca do corpo, onde através da referência de alguns autores, caracteriza hoje, o discurso dos principais estudiosos da área sobre a necessidade de um investimento maior num corpo "sujeito", ativo e composto de uma linguagem influenciativa da realidade em movimento do homem. A seguir entra nas questões socio-culturais atreladas ao corpo, onde são abordados os aspectos antropológicos, sociais, culturais e de que forma estes aspectos se apresentam numa ótica determinante e manipulativa. Aborda a interrelação Corpo X Deficiência. Nesta abordagem passa-se pelas questões dos Estigmas, seu sentido e os valores impostos por nossa sociedade às pessoas portadoras de deficiência, servindo inclusive, para o entendimento do porquê das mesmas serem segregadas e discriminadas. Aprofundando mais as questões das discriminações e segregações da pessoa "deficiente", o estudo descreve ainda alguns veículos de perpetuação da ordem estabelecida por parte da sociedade e de que forma elas inviabilizam a integração social do mesmo. Aborda a deficiência visual, alguns aspectos históricos e sua caracterização na atualidade para depois classificar e definir a "cegueira" dentro dos seus diversos níveis. Segue com um relato de experiência, onde através da vivência do professor de Educação Física para pessoas portadoras de deficiência visual se descreve alguns aspectos da prática, seguidos de uma análise crítica a cerca dos valores e de seu carácter pedagógico. Depois considera a necessidade de se compreender o fenómeno deficiência interrelacionado com os outros fenómenos humanos. Considera ainda as ações do homem como determinante dos fenómenos e como tal, o seu corpo como veículo de leitura e transformação de sua realidade vivida. Identifica a visão de corpo portador de deficiência por parte da sociedade, e como ele é desprovido de qualquer relação com uma práxis transformadora, visão esta perpetuada, por valores impostos pela mesma e que se utiliza de vários veículos para a sua manutenção; assim, clama por uma consciência dos professores de Educação Física, que por trabalharem com o corpo das pessoas portadoras de deficiência visual não devem jamais considerá-lo como desprovido de uma história, logo uma história construída por suas ações, o que denota uma efetiva participação de seu corpo (contextualizado e impassível). Por fim, reforça a necessidade de uma ação pedagógica do professor de Educação Física no caminho de uma criticidade que considere o corpo destas pessoas(indiscutivelmente) portadoras de uma deficiência, porém não "deficientes".

SUMÁRIO

-AGRADECIMENTOS

-DEDICATORIAS

-RESUMO

-SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	01
I - CORPOREIDADE.....	04
1.1- Corpo.....	05
1.2- O Corpo e Alguns Aspectos Sócio-Culturais.....	09
1.3- Corpo e "Deficiência".....	13
1.3.1- "Deficiência" e Integração Social.....	16
II - A DEFICIÊNCIA VISUAL.....	21
2.1- A Pessoa Portadora de Deficiência Visual.....	22
2.2- Definição e Classificação.....	23
III- RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	25
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

INTRODUÇÃO:

Este estudo surgiu de algumas ansiedades, frutos da experiência profissional, de alguns meses, com aulas de Educação Física para pessoas portadoras de deficiência visual. Esta área de concentração, aqui designada como: *Educação Física Adaptada*, já me levava no início, com o primeiro contato desta disciplina obrigatória no curso de graduação e posteriormente com o trabalho de monitoria à extensão universitária da faculdade de Educação Física, a uma reflexão, pela necessidade de entendimento do termo que a caracterizava: "ADAPTAÇÃO". No novo dicionário da língua portuguesa de *Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*(1986) por exemplo, ele significa: "ação de adaptar", a ação aqui entendida como *modo de atuar*, e *adaptar* relacionado ao *ajustar uma coisa a outra*, ou mesmo, *amoldar*, *ajustar-se*, *acomodar-se*...etc.

"Amoldar", "ajustar"...etc, eram termos que já me incomodavam na perspectiva de uma atuação prática, uma vez que a formação acadêmica que recebia, já me permitia refletir a respeito do caráter superativo do homem, e como tal, não compreendia como uma ação pedagógica educativa, poderia se apresentar na perspectiva do entendimento literal deste termo designativo. Sei que o exemplo acima pode ser descabido, primeiro, por que muitos dirão que o termo "adaptar"(de "adaptada")sub-entende a adaptação de atividades de Educação Física para pessoas com limitações físicas, mas principalmente pelo fato deste termo, no exemplo citado, não se referir às inúmeras relações que se podem obter da analogia de termos escritos das diferentes ciências; porém, o mesmo serviu como indício de questionamentos que

eu, na qualidade de professor de Educação Física Adaptada, teria quando do início da atuação prática.

As dificuldades que tive quando ministrava as aulas passavam desde a insegurança por enveredrar por uma área de atuação profissional na qual não tinha a experiência e a vivência necessárias, até a dificuldade no preparo das aulas, no sentido de entender o que os meus conteúdos perspectivariam. Mas o íntimo da crise a que passava, se evidenciaria mais na forma *acrílica* como lidava com as pessoas portadoras de deficiência visual, no que se referia ao trato com a aula e a operacionalização dos conteúdos. Questionava-me, à luz das teorias publicadas na área, se eu realmente me comportava como Educador. De que forma eu estaria contribuindo para uma *EDUCAÇÃO* que considerasse o processo de promoção do ser humano (SAVIANI, 1982). Refletia sobre se minha forma de atuação não se justificaria pelo fato das pessoas serem desprovidas de visão, e como tal, não haveria outra forma de se comunicar, que não fosse direcionando, conduzindo, ou mesmo, utilizando estratégias de orientação pelo som e pelo contato físico.

O tempo, a interrelação com os alunos, o vivenciamento e a constatação da realidade prática das aulas, inclusive em outras instituições, levaram-me a perceber a necessidade do resgate do "Humano" na pessoa portadora de deficiência visual, na direção de um projeto pedagógico. Referi-me desta maneira, por que poucas instituições, ainda com uma visão assistencialista (ou segregacionista?) e que lidam com estas pessoas, consideram o fato de que uma boa parte delas

trabalham, se locomovem, e em muitos casos, têm famílias e as sustentam, detendo uma certa autonomia e um lugar específico na sociedade.

Neste sentido, quando me refiro ao resgate do "humano" na pessoa portadora de deficiência visual, não o faço no sentido de defini-lo, mas caracterizá-lo como indefinível, complexo e total, onde na referência de suas ações, encontramos as possibilidades de entendimento dos fenômenos humanos. Daí a percepção de que o ponto de partida para este estudo, enquanto projeto pedagógico de Educação Física, fosse o de considerar o *CORPO* deste "Homem"(portador de deficiência visual) como instrumental de leitura dos dados constantes de sua * realidade vivida, pois "...não se pode conhecer (ou melhor: tentar conhecer) o *homem* sem um fundo de relação com a corporeidade e sua motricidade"(SÉRGIO, 1992: 96).

Portanto, este estudo não tem pretensões de propor uma nova prática no ensino de Educação Física para Pessoas portadoras de Deficiência Visual, mas sim procurar contribuir, através de uma reflexão crítica, para um possível apontamento ou diretriz que considere estas questões que constatei quando da atuação no campo e que tenho certeza, compõem algumas dúvidas de profissionais que atuam nesta área.

I

CORPOREIDADE

1.1- CORPO

Quando se fala em corpo, é preciso ter clareza que este termo sugere abstrair a respeito de que corpo tratamos. Podemos centralizar a abordagem na relação de corpo-objeto, onde as características estruturais, anatômicas e fisiológicas se destacam, neste caso a determinação de certa objetividade nas relações que se podem obter, denotariam sua porção "possível"(?) de se mensurar na perspectiva de matéria viva dependente biologicamente. A outra abordagem pode se a ter ao corpo-sujeito, um corpo que vê na existencialização uma forma de vivenciar de forma individual e subjetiva a sua maneira de estar no mundo(MORAIS, 1992).

As abordagens que dão conta do corpo, denotam para si uma visão do mesmo, que dificilmente podemos desvincular das visões de mundo, de ciência e de sociedade. A esta relação *corpo x diversas visões*, determinarei como termo designativo: *corporeidade*.

A corporeidade aqui entendida como "essência ou natureza dos corpos"(SANTIN,1992:52), supõe a reflexão de todos os aspectos interrelacionados com a construção e manutenção deste corpo, neste raciocínio é difícil desconsiderar os aspectos históricos e sociais constantes na sua gênese. Seria o constante pensar a seu respeito, divagar sobre sua existência, atrelada a diferentes momentos a que passaram a humanidade.

A história nos mostra todos os efeitos exercidos no corpo, determinando um discurso a cerca dele e que perdura indiscutivelmente até os dias de hoje. Se fizermos uma breve viagem no tempo e voltarmos no Sec.XVIII e XIX, com o advento da

ginástica, surgida da necessidade de se ter um homem mais forte, ágil e empreendedor(qualidades estas que refletiam o surgimento da chamada "sociedade industrial") ocorreram as primeiras sistematizações de exercícios físicos ou "Métodos Ginásticos" elaborados, dentre outros autores, por médicos como *P. Tissié* e Fisiologistas como *G.Demeny* e que caracterizaram o aspecto de "valorização da saúde" para uma atividade prioritariamente corporal.

Este aspecto insuflador de uma abordagem do corpo e que surgiu da necessidade imperante de um determinado momento histórico-social, deu origem nos dias de hoje, aos dois principais poderes exercidos diretamente sobre o corpo; o primeiro seria as instituições médicas que reivindicaram para si, o direito de intervir no corpo "não sadio", para fazê-lo "sadio", desconsiderando outros aspectos que pudessem influenciar na sua saúde; o segundo seria a Educação Física e os Esportes preocupados com a classificação de corpos, no que tange à aptidão e a capacidade para a prática de determinadas atividades corporais(ditos exercícios físicos). Ambos os poderes exercidos no corpo," limitam a corporeidade ao *corpo físico*, desvinculando-o dos aspectos de ordem social, política, econômica, ideológica, religiosa ou cultural"(SANTIN,1992:63).

O que podemos perceber , é que historicamente sempre se exerceu um discurso sobre o corpo, que desconsiderasse a sua necessidade. Alguns autores, com estudos mais detalhados sobre os poderes impostos ao corpo, nos confere uma herança disciplinar que perpetua uma acepção de racionalidade ao mesmo, em detrimento da contemplação de suas reais necessidades.

Mas se hoje constatamos um discurso disciplinar do corpo, considerando-o como parte secundária do ser humano, por outro lado emerge um discurso anti-disciplinar deste mesmo corpo, onde se percebe a essencialidade de considerá-lo como ser-no-mundo, provido de incomensuráveis incógnitas. Um corpo que venha a romper com os *DUALISMOS* instalados e que possibilite ser referência, a pluralidade existente na sua essência; seria fazer as palavras de (SERGIO,1992:101): "Não é *pensando que somos* mas é *sendo que pensamos*". Um corpo que sempre esteve presente, e que mesmo despercebido, sempre "realizou os atos neste mundo"(FREIRE J.,1986:53) denotando a "*intencionalidade do corpo* como uma intencionalidade original, como um *eu posso*"(DIAS *apud* SERGIO,1992:104).

Indiscutivelmente muitos autores trabalham a corporeidade no sentido de considerar o corpo como expressão essencial do ser humano. (FREIRE J.,1986:51)nos coloca a necessidade de *olharmos o corpo*, diferente de *olharmos para o corpo*, neste sentido, olhar para dentro ou abrir uma janela no corpo para o *saber*(conhecimento buscado, vivenciado e transformado por nossas ações). Devemos também considerar uma corporeidade que considere a sensibilidade afetiva ou emoções, os sentimentos, os impulsos sensíveis o senso estético(liberdade de exprimir sentimento e sensações, desprovida das necessidades do "querer"), como aspectos a serem *CULTIVADOS*, e concomitantemente, uma corporeidade mantida livre, espontânea, criativa, como uma obra de arte ou como os valores estéticos, aqui no caso: *CULTUADOS*(SANTIN,1992). Por fim, considerar a visão de corporeidade de (MORAIS,1992) que explicita o entendimento de um

corpo abrangido por duas categorias: O *corpo Problema* e o *corpo mistério*, onde o primeiro advoga uma relação de exterioridade com o corpo, aqui entendido como ser, objeto de conhecimento e de esquadrinhamento(alvo das ciências anátomo-fisiológicas e/ou bioquímicas); sendo que o segundo refletiria uma relação de interioridade com o corpo onde ele se apresentaria na sua existencialização plena, manancial de mistérios inexplicáveis pela ciência objetiva do homem; o autor exemplifica muito bem o conceito de *corpo mistério* quando diz que hoje as ciências biológicas detém o conhecimento de reproduzir em laboratórios todas as funções orgânicas(fisiológicas, bioquímicas, anatômicas, etc) necessárias do ser vivente, porém, é impotente em constituir um elemento fundamental: a *Wille*.

Todas as concepções de corporeidade explicitadas acima vertem suas essências no caráter da necessidade de um investimento maior no *corpo sujeito* e não no *corpo objeto*. Necessidades estas que se apoiam na impossibilidade de definição do ser humano, principalmente quando o consideramos possuidor de um corpo tão infinitamente transcendente. É preciso termos clareza da impossibilidade de mensurá-lo, talvez, nunca venhamos a compreendê-lo, nesta premissa, temos a obrigação de entender todos os corpos como infinito de potencialidades, principalmente no que se refere ao corpo portador de deficiências e a todos que de uma maneira ou de outra sofrem imposições ou arbitrariedades, ou o que é pior...*falta de LIBERDADE DE EXPRESSAO DE SUAS NECESSIDADES.*

1.2- O CORPO E ALGUNS ASPECTOS SOCIO-CULTURAIS

O corpo figura hoje, sob ponto de vista do entendimento da importância de se construir um discurso que atenda aos anseios de uma sociedade impassível, como o principal referencial dos meios acadêmicos da Educação Física. Esta afirmação fruto de reflexões já publicadas, nos coloca numa posição de se pensar o corpo libertado de padrões, direcionamentos...enfim, um corpo expressivo e distanciado de prisões.

O corpo constitui o primeiro instrumento de contato com o mundo. Quando nascemos é ele a referência de interação das formas de contato com o meio que nos cerca. Evidencia num primeiro momento os instintos de sobrevivência caracterizados por fome, frio, calor...etc, características estas que denotam claramente um nível de "Consciência" do corpo; permito-me nesta afirmação me valer das palavras de (MORAIS,1992:78/79):

"...somos um corpo como forma de presença no mundo, esta presença ligada ao comportamento denota uma interação corpo x consciência"
"...inexiste qualquer atitude humana que seja puramente interior ou da subjetividade puramente pensante, toda a atitude do ser humano é atitude corporal"

Porém havemos de considerar muitos outros aspectos que interagem no corpo. Se voltarmos um pouco na história evolutiva do homem e fizermos uma leitura sucinta da sua cultura e como ela chegou onde está, perceberemos o quanto o corpo se caracteriza como expressão de códigos sociais que determinam

normas regentes das relações de culturas e poderes. MAUSS (apud Bruns, 1989:47) nos coloca que:

"O corpo aprende e é cada sociedade específica, em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada que o ensina. E no que ensina o corpo, nele se expressa: no andar, dormir, dançar, nadar, nos gestos, posturas das mãos, no jeito de andar"... "Os corpos expressariam o que a sociedade nos corpos descrevem".

Ratificando, o corpo exprime aspectos constantes de culturas. Estas culturas, surgidas em função das relações sociais dos povos, determinam a conduta social do corpo, daí termos de considerar o caráter político das relações que envolve o corpo.

Surge-nos então, algumas questões: de que forma esta sociedade em que vivemos considera o corpo? Será que este corpo na relação mais simplista da correlação das classes sociais, consegue se colocar e almejar um espaço devido? Ele é oprimido? a que nível?. Estas questões devem considerar o fato de vivermos numa sociedade em que os limites das ações que caracterizam os modelos de sobrevivência social, determinam a cada sujeito a sua total alienação no que se refere à justiça social derivada dos meios de produção. Compomos uma sociedade em que se verifica cada vez mais o fortalecimento das classes dominantes em detrimento das classes dominadas, consequência de um discurso hegemônico que rege a manutenção de valores que atendam a determinados grupos de interesses. Apesar de eu ter clareza, que nenhuma sociedade do mundo está preparada para integrar a todos igualmente,

entendo também que é factível considerá-la, na essência de suas relações sociais, como passível de mudanças, até por que as injustiças ou desequilíbrios sociais só se mantêm, enquanto segmentos explorados ou injustiçados não se percebam como agentes de mudança e transformação(*isto pode observado hoje, com os fenômenos do ARRASTAO, INCÊNDIO DA FEBEM, MOVIMENTO POPULAR PRF-IMPEACHMENT...ETC*) .

Como o corpo se enquadraria nestas questões: sob ponto de vista do *trabalho*, o corpo é explorado, por que a ele só cabe as funções de produção, não questionando inclusive, o sistema de execução da tarefa(*para o empregador basta apenas que ele execute as tarefas de maneira econômica e automatizada visando o aumento da produtividade*). Sob ponto de vista cultural, vivemos numa sociedade de consumo, onde esta característica funciona como mola mestra impulsionadora do nosso sistema (capitalista). é preciso consumir, não interessa "o quê" e "para quê", o importante é que isto tenha relevância dentro do sistema econômico vigente. O corpo configura como principal vítima desta visão. pois o que interessa a essa sociedade é estabilizar um modelo de corpo ideal, perfeito, lindo e bem cuidado que possa ser vítima da indústria do consumo e não questione. Um corpo que produza riqueza para uma classe minoritária, um corpo dócil, disciplinado que nada questione e acima de tudo, sirva aos interesses político-sociais da classe dominante.

"Parece não restar dúvidas de que, na relação corpo-mundo, existe um campo determinante e outro determinado"(MEDINA,1990:61), porém é preciso nos reconhecermos, enquanto corpos, como agentes transformadores da história, na

dialética dos vetores determinante x determinado. Caminharmos como seres *práticos* que somos, sempre com um sentimento reflexivo, no caminho de uma verdadeira "*Consciência Corporal do Homem*", ou seja:

"...compreensão a respeito dos signos tatuados em seu corpo, pelos aspectos sócio-culturais de momentos históricos determinados. E fazê-lo sabedor de que seu corpo sempre estará expressando o discurso hegemônico de uma época e que a compreensão do significado desse discurso, bem como de seus determinantes, é condição para que ele possa vir a participar do processo de construção do seu tempo e, por conseguinte, da elaboração dos signos a serem gravados em seu corpo"(CASTELLANI FILHO, 1988:221)

1.3- CORPO E "DEFICIÊNCIA"

É difícil falarmos do corpo relacionado a um pseudo tipo de "deficiência" sem nos referirmos aos *ESTIGMAS*. Neste pressuposto é relevante definir o termo ora empregado, principalmente por que ele nos remete ao entendimento das "deficiências" em relação ao contexto em que o corpo das pessoas possuidoras se encontram.

Historicamente os *estigmas* eram "marcas(feitas com cortes ou fogo) no corpo das pessoas, que evidenciavam um caráter extraordinário ou mau sobre o "status" moral de que os apresentasse"(GOLFMAN *apud* CARMO:5). Esta definição, sob o ponto de vista da história, demonstra claramente a herança dos tempos atuais, de considerar *estigma* como atributo depreciativo, mas não devemos considerar os *estigmas* na acepção de "atributos", e sim de uma linguagem de relações, pois um atributo que estigmatiza alguém, pode confirmar a normalidade de outrem"(CARMO,1988:5)

É difícil enxergar a relação corpo x estigma desvinculada das relações políticas e conseqüentemente de poderes.

★ A pessoa portadora de deficiência, sofre por ser possuidora de um corpo dito "diferente", aprofundado cada vez mais no isolamento das instituições, dissipadoras de um discurso assistencialista/paternalista, reivindicador do direito de proteger os "coitados". Sabemos que a tentativa de entendimento dos fenômenos da humanidade, não se dá apenas na presenticidade, logo, a ação sobre um problema, não terá sentido se não dermos conta da origem da sua causa. Neste caso, as instituições deveriam considerar as Pessoas Portadoras de Deficiência, possuidoras de

uma história e de um corpo participante da mesma, onde as ditas "deficiências" teriam uma relação com os aspectos políticos, sociais e culturais da sociedade.

Estes aspectos ficam mais claros quando percebemos que grande parte das deficiências poderiam ser evitadas através de medidas preventivas e de programa de esclarecimento da população, para a efetivação das medidas gerais de saúde. Porém, é preciso não inverter os valores, no sentido de confundir o caráter preventivo de um programa de saúde, com uma visão simplista de se delegar à pessoa portadora de deficiência a priorização de um amplo programa de apoio-assistencia à "adaptatividade social", valorizando neste caso o efeito, sem se preocupar com a causa dos surgimentos das "deficiências". Neste caso seria, considerar também o corpo "deficiente", vítima desta visão resolutive como sujeito ativo na busca das soluções, e não como objeto passivo deste processo.

O argumento acima, comprova claramente que os corpos "deficientes" são produtos da nossa sociedade instituída. Isto determina a necessidade de um rompimento das ações meramente filantrópicas, a fim de "caminharmos num sentido da interação pessoas portadoras de deficiência e uma visão histórico-cultural do fenômeno deficiência-capitalismo"(IBID:6).

Sabemos da existência de poderes exercidos sobre o corpo, isto nos leva a considerar também o corpo "deficiente", um corpo enquadrado nos diversos segmentos minoritários da sociedade, onde os estigmas seriam fundamentais para a perpetuação da ordem estabelecida (moral, religiosa, econômica e política) fortalecedora da noção de ser

humano normal(IBID:6). Aliás, quando aplicamos na sociedade o conceito de *ser humano normal*, já estamos contribuindo diretamente para as segregações e discriminações do *ser humano "anormal"*, pois se vivemos numa sociedade em que o discurso estabelece igualdade a todos e a mesma oportunidade, a realidade nos mostra outra coisa. Ela nos mostra que conviver com este indivíduo divergente do *status quo*, pela sua própria condição, constitui uma ameaça às normas e valores estabelecidos. Isto explica o por que da sociedade através dos estigmas e da existência das instituições, promoverem o segregacionismo e consequente discriminação da pessoa portadora de deficiência.

O corpo, principal referencial dos estigmas ora impetrados a pessoa portadora de Deficiência, não deve ser esquecido na discussão das segregações e de todos os elementos constitutivos das influências sobre o mesmo, um corpo portador de deficiência sem ser estigmatizado de deficiente, ou seja, pensar o mesmo, como composto de um sentido expreso como num "...texto que precisa ser lido não a partir dos adjetivos nele colocados mas a partir de seu substantivo próprio" (IBID:6).

1.3.1- "DEFICIÊNCIA" E INTEGRAÇÃO SOCIAL.

Como vimos no capítulo anterior o fenômeno "deficiência" não é algo que acontece isoladamente. Este fenômeno relaciona-se acima de tudo com a sociedade, cultura, comunidade e família, numa dinâmica de relações, que conduz os indivíduos a um estado de significação plena das suas ações nos meios que o cercam. Porém, o mais importante seria entender se estas ações do indivíduo portador de deficiência com o meio, se daria a contento de suas reais necessidades, para a partir daí, considerarmos a fidedignidade do significado destas ações para os mesmos.

Sabemos que nossa sociedade é individualista e nossa cultura conduz uma visão deformada da atividade humana, onde as realizações se dariam de forma independente e isolada, porém sabemos que o ser humano é um ser social dotado de história e construtor da mesma com outros homens, logo, presumir a existência de uma integração para um determinado fim é perfeitamente possível. No caso, o grande problema nesta sociedade individualista onde o "ter" tem muito mais importância do que o "dividir", seria o lutar contra os atributos e normas selecionadas e impostas por ela, que reforçam o espaço privilegiado dos indivíduos "desejáveis", para que aqueles indivíduos que fogem aos padrões estabelecidos(como as pessoas "deficientes" por exemplo) não se enquadrem como "indesejáveis" e consequentemente, não sofram as mazelas de uma sociedade desigual e injusta socialmente.

Não devemos incutir um entendimento à pessoa portadora de deficiência de que seu papel social é aprendido, tão

e somente no referencial das pessoas ditas "normais" e muito menos nas instituições que visem auxiliá-los. Esta premissa é muito bem explicitada por Scoff (apud Amiralian, 1986) quando diz que uma pessoa com problemas de visão, se comporta dentro de normas padronizadas previstas, acrescenta ainda que muitas atividades denominadas reabilitadoras são realmente, procedimentos de socialização e que não existe nada na cegueira que leve a um comportamento de docilidade e dependência. A cegueira é portanto um papel social aprendido, e segundo o autor, "o cego se faz". Este aspecto, fortalece a visão de que as pessoas portadoras de deficiências devam se comportar como diferentes, conseqüentemente, discriminados e rejeitados no meio social. Isto acarreta a formalização por parte da sociedade, do aumento cada vez maior do isolamento em escolas especiais e outros órgãos devidamente institucionalizados.

A sociedade se utiliza de diversos expedientes estigmatizadores de estabelecimento desta posição das pessoas portadoras de deficiências. Uma delas é a *rotulagem verbal*, onde sem dúvida nenhuma, os rótulos de "cego", "aleijado", "louco", se constituem num juízo que dificulta a integração social (Amiralian, 1986). Estas situações de rotulagem verbal, contribuem para uma perda quase que total da identidade das pessoas portadoras de deficiência, por que denotam a elas, um sentimento de incompetência, mesmo que esta pessoa tenha demonstrado em outras oportunidades, uma capacidade incontestável.

Nossa sociedade é mantida por valores hegemônicos e estes valores dificilmente se desarticulam dos interesses econômicos. Como uma pessoa portadora de uma

* deficiência, pode sobreviver numa estrutura social que valoriza o corpo "perfeito" como instrumento de trabalho? Uma sociedade que imputa às pessoas portadoras de deficiência um sentimento de *incapacidade* e conseqüente *inferioridade* e que em muitos casos, extrapolam esta condição para além da relação trabalho x produção. Fica claro então, a confusão generalizada que se faz dos termos *incapacidade* e *inferioridade*, pois na maioria das vezes, ambas são usadas como sinônimos e mesmo significado. Todavia nem todas as pessoas com um nível de incapacidade, se sentem ou são inferiores.

* Tal relação depende do contexto em que determinada situação ocorre, como exemplo podemos citar uma pessoa portadora de deficiência visual que numa festa pode se sentir inferior, por não poder pegar uma bebida, ou mesmo ir ao banheiro sozinho, mas mudará de posição se houver falta de luz e todos os convidados terem de se deslocar, utilizando outro meio sensorial que não seja a visão (IBID:43).

Pelo o que pudemos observar até aqui, os estigmas manipuladores da nossa sociedade, se preocupam muito mais com o fato das pessoas portadoras de deficiência se apresentarem como realidade divergente da ordem estabelecida, do que os problemas da dificuldade estrutural de seus corpos, porém esta sociedade há de engulir a necessidade de integrá-los, não uma integração calcada na adequação de equipamentos especiais adaptativos, mais uma integração entendida na constância complexa deste processo.

Um processo integrativo, implica numa série de fatores que delegam um alto nível de consciência das partes envolvidas. Uma sociedade jamais integrará em condições igualitárias uma pessoa sequer, logo, essas pessoas portadoras de

deficiência deverão ter um papel definido na sociedade e uma vontade política de estabelecerem uma relação de respeito e valorização nos diversos campos da atividade humana. Será fazer-se entendedor de que todas as pessoas são diferentes, e estas diferenças, apresentadas numa relação de classe social, podem ser transformadas desde que elas queiram. É ter consciência de que a sociedade poderá oferecer todas as possibilidades de integração e ficar disponível para tanto, mas o trabalho de se chegar a essa situação integrada dependerá também da própria pessoa deficiente(SILVA,1988).

Para que o processo de integração inicie, as pessoas portadoras de deficiência, devem ter um entendimento de classe social. Estimativas da ONU(*apud* SILVA, 1988), calculam que aproximadamente 10% da população de qualquer país do mundo têm algum tipo de deficiência, e nenhuma sociedade do mundo pode se dar ao luxo de manter, via cofres públicos, tal concentração de pessoas desligadas dos modos de produção e consumo. Aliás se a maioria destas pessoas trabalhassem e se autofinanciassem, sobraria muito mais recursos ao estados, para investimentos nas diversas áreas de interesse público. Sei que o argumento da crise financeira a que se encontra nossa sociedade, crise esta que se explicita no desemprego, na fome, na falta de saúde...etc, podem nos levar a não acreditar nas possibilidades de implementação de tal projeto, mas devemos pensar que nossa sociedade advoga o direito de oportunidades para todos e num exemplo hipotético, se esta porcentagem citada anteriormente de pessoas com níveis de deficiência, não fossem portadoras da mesma, a sociedade dita expressiva do direito de oportunidades, deveria procurar um meio

de proporcionar tal situação. É preciso não sermos pessimistas ao ponto de acharmos a impossibilidade de se conseguir uma sociedade mais justa. Podem até os mais incrédulos acharem que seja sonho, mas o "homem que deixa de sonhar, categoricamente deixa de viver".

(SILVA,1988) nos coloca ainda que a "integração social ocorrerá, de fato, desde que se obtenha o pleno envolvimento do indivíduo atingido, e mais, se desenvolva com ele um trabalho de re aquisição de valores perdidos, de sua dignidade, de seu amor próprio, de seu real sentido de homem", num projeto único que envolva a todos os profissionais que atuam com pessoas portadoras de deficiência, e uma ampla colaboração da comunidade, no que se refere a abertura de espaço à participação da mesma.

II

DEFICIENCIA VISUAL

2.1- A Pessoa Portadora de Deficiência Visual

Históricamente as pessoas portadoras de deficiência visual sempre foram cobertas de uma *mistica* incontestável. Muitos filósofos teorizaram sobre uma possível relação dos olhos e a alma, talvez numa clara alusão ao reverenciamento de alguns cegos portadores do "dom" da adivinhação ou mesmo por alguns terem sido considerados como transmissores verbais das tradições e valores culturais(AMIRALIAN,1986). No que se refere aos "estigmas", constatamos na história, relatos de sanções aplicadas a pessoas por crimes de ordem sexual e social, onde a perfuração dos olhos eram a caracterização do delito cometido.

Podemos perceber que os indivíduos portadores de deficiência visual, sempre foram vistos de forma diferencial em relação a indivíduos portadores de outras "deficiências". Hoje constatamos uma mudança muito grande de valores na sociedade em relação aos mesmos, mudança esta, que explicita um "caráter de benevolência social" em relação ao "cego", que o venera por uma simples tarefa que faça, característica marcante de uma sociedade organizada apenas para as pessoas, que dominam a interpretação dos símbolos(quadros, escritas,palavras..etc) utilizados por ela e que cujo o maior veículo é a *imagem*.(IBID)

é compreensivo o entendimento por parte de muitos, de que a deficiência visual, talvez seja a pior das deficiências físicas de um indivíduo. Na nossa sociedade observamos cada vez mais o crescimento dos meios de comunicação visual, oriundos de um sistema econômico que preza o consumo e a exorbitação. Também podemos compreender tal entendimento se percebermos que a visão

"dá detalhes que nenhum outro sentido pode fornecer; ao mesmo tempo, traz objetos em relação simultânea de posição, distância, tamanho e forma"(IBID,1986:24), pré-requisitos para uma locomoção autônoma e independente no meio que cerca o indivíduo. Talvez isto explique a valorização de um sentimento preconceituoso que domina a nossa sociedade em relação à pessoa portadora de deficiência visual, um sentimento de piedade, que denota claramente o valor que damos a visão(consequência do medo de perdê-la)e o sentimento de compadecimento que nos faz impedi-las de fazerem muitas coisas de que são capazes.

2.2- Definição e Classificação

1- Cegos: indivíduos com acuidade visual de 0 a 20/200 ou menos no melhor olho, após correção máxima, ou aqueles que tenham um campo visual restrito e um ângulo de 20 graus ou menos no maior diâmetro.

(*) Diz-se que uma pessoa tem uma acuidade visual de 20/200 quando ela estiver que se colocar a uma distância de 20 pés para enxergar o que uma pessoa considerada de visão normal enxerga 200 pés. Na transformação da medida de pés para metros temos como cego o indivíduo com acuidade visual de 0 a 6/60.

A restrição do campo visual a 20 graus é denominada "visão de túnel", e também é considerada cegueira, mesmo que haja uma acuidade visual normal na área que pode focalizar. Isto por que a restrição do campo visual impossibilita ao indivíduo a utilização da visão para habilidades comuns da vida, como ler, escrever, andar etc.

2- Visão Subnormal: aqueles que possuem acuidade visual remanescente entre 20/200 e 20/70 (ou 6/60 e 6/20) no melhor olho após correção. (Fonte: LOWENFELD, 1973 *apud* AMIRALIAN, 1986 p.25)

O autor acima também classificou as pessoas portadoras de deficiência visual em função da idade da ocorrência da perda da visão. Isto é importante, na medida em que o indivíduo cego de nascença (congenito) depende da audição e do tato para adquirir conhecimentos e formar imagens mentais, enquanto que o indivíduo com a cegueira adquirida depois de um certo tempo, retém imagens visuais, sendo capaz de relacioná-las com suas imagens auditivas e/ou táteis.

-Classificação:

1- Cegueira total congênita ou adquirida antes dos 5 anos.

2-Cegueira total adquirida após 5 anos.

3-Cegueira parcial congênita

4-Cegueira parcial adquirida

5-Visão parcial congênita

6-Visão parcial adquirida

III

RELATO DE EXPERIENCIA

Relatar minha experiência profissional, seria o mesmo que descrever minha história de vida em relação a um determinado momento. Considerando que a história pode servir de veículo interpretativo de uma realidade específica, e que todo o relato relacionado ao passado é história em suas circunstâncias específicas, entendo ser perfeitamente possível, refletir a respeito de minha experiência acumulada e vivenciada na busca de um entendimento das questões que por ventura julgue obscuras.

A "história de vida" é uma técnica muito útil para o primeiro levantamento de um problema. Constitui uma excelente forma de se revelar subsídios para o estudo de um tema proposto. Me referenciei, na justificativa desta técnica no livro-texto "Experimentos com "História de Vida", em particular do capítulo Relatos Oraís: do "indivisível" ao "divisível", de *Maria Isaura Pereira de Queiroz*.

Conduzirei este relato, comentando minha experiência e os aspectos que julgo mais importantes no *desenvolvimento* da prática, e que deram suporte para este estudo. Nesta premissa, entendo que antes do início do relato algumas informações se fazem necessárias:

(*)Trabalhei alguns meses no projeto ~~WD-WERK~~ da Prefeitura Municipal de Campinas-SF com outros professores e monitores. Este projeto visava um trabalho de Educação Física e Esportes nos institutos que lidavam com a pessoa portadora de deficiência visual, nas praças desportivas da Prefeitura da Cidade. O projeto não chegou a deslanchar por problemas políticos, determinantes da demora da liberação de verbas para

implementação Física (contratação de professores, compra de materiais, consecução de espaço próprio...etc.). Independente desta questão, nós professores envolvidos com o projeto, procuramos desenvolver o trabalho de acordo com nossas condições estruturais, por alguns meses, até termos a certeza da inviabilidade da contratação e implementação do projeto. As características das turmas trabalhadas eram:

- Turma mista
 - adultos
 - pessoas com deficiência visual congênita e adquirida
 - estrutura da praça: 1 piscina e 1 quadra de esportes
 - Materiais: *quase nenhum* (apenas bolas)
 - Número de alunos: incerto
- OBS: *Dependia das condições de transportes e locomoção dos alunos.*

Apesar de na época, já ter tido uma experiência como monitor no projeto de extensão universitária, quando tive meu primeiro contato com o grupo de alunos portadores de deficiência visual do projeto **VI-VER** me senti inseguro em tratar com os mesmos, a questão de como seria as aulas de Educação Física. Acredito que esta insegurança tenha se dado em função do reduzido número de reuniões da equipe para planejamento, e consequente falta de definição dos objetivos gerais do projeto.

Descrição das Atividades:

Por consenso, uma vez que nós professores recebemos a determinação de começarmos o trabalho, decidimos dar início às atividades na piscina. Trabalhávamos com os aspectos de reconhecimento e ambientação no meio líquido.

Conduzíamos pelas mãos, cada aluno pela parte rasa da piscina, proporcionando através de modelos colocados pelo professor, (identificados pelo aluno através do toque ou pelo entendimento da descrição verbal do movimento) algumas formas de deslocamento. Utilizávamos desta estratégia dirigida de ensino, porque entendíamos como fundamental o acompanhamento do professor às atividades propostas no sentido de, além de percebermos o nível de dificuldade do aluno em executar as atividades, estarmos sempre próximo aos mesmos no sentido de evitarmos um possível acidente. Posteriormente conduzimos o trabalho na piscina no sentido de, identificados os alunos com melhor desenvoltura no meio líquido, trabalharmos os aspectos técnicos da natação. O estilo *crawl* foi o único trabalhado, sendo utilizado pelo professor também para este caso, o método acima de passagem dos movimentos técnicos. Aos menos desenvoltos, seguíamos com atividades dirigidas de deslocamentos na água e atividades livres.

Nas quadras de Esporte, restringi mais o meu trabalho ao futebol, pois a maioria dos alunos, gostavam de praticá-lo. As atividades iniciavam também com o reconhecimento do espaço da quadra, onde através da comunicação verbal de: "direita e esquerda", "para frente e para trás", além da exploração das dimensões da mesma, através do "contar passos", "sentir quando chega"...etc, fazia-os automatizarem seus deslocamentos naquele espaço. Trabalhava-se também, além do jogo propriamente dito, alguns fundamentos do futebol como: chute, manejo, condução...etc, através de atividades individuais e livres.

Análise Crítica:

A análise crítica deste relato parte dos aspectos diretivos das aulas, onde as atividades(impostas) caracterizavam a visão acritica do trabalho, enquanto projeto pedagógico.

Se viajarmos pelo relato em si, constataremos "direcionamentos", "induçãoes", "padronizações"...etc, aspectos que reforçam na pessoa portadora de deficiência visual a falta de percepção da importância do entendimento do significado de suas ações construídas a partir do seu referencial ontológico.

Quando alijamos a pessoa portadora de deficiência visual, do vivenciamento consciente das atividades corporais, estaremos impedindo que a mesma usufrua de elementos apropriativos e transformadores do mundo, neste caso, as atividades corporais instaladas de forma mecânica e adestradora, apenas reforçam modelos conservadores de sua situação no mundo.

É difícil não relacionarmos o "fazer" na acepção da ação do homem, à questão dos valores impostos ou construídos por sua relação com as pessoas e com o mundo; nós professores de Educação Física assim como outros profissionais da área de ensino, veiculamos valores através da nossa ação pedagógica. Estes valores, atrelados ou não à consciência da importância dos significados das diversas atividades humanas, nos demonstra claramente que os mesmos, passam por um outro forum, termômetro das ações transformadoras: a individualidade.

É no prisma da individualidade e dos valores internos, que me coloco na análise deste relato; na contraposição e na intuição de um trabalho inadequado às pessoas portadoras de "deficiência", que caracterizam numa primeira análise, uma

"prática instituída" que dissemina, na congruência de seus valores intrínsecos, uma visão de homem portador de deficiência visual passivo, isolado e desprovido de elementos interpretativos de sua realidade.

IV

CONSIDERACOES FINAIS

Apesar de minha experiência profissional ter se restringido à pessoa portadora de deficiência visual, achei muito difícil descontextualizar este estudo da questão geral do fenômeno "deficiência". Também sabemos que, continuaremos não dando conta do entendimento dos fenômenos humanos, se persistirmos neste modelo paradigmático de ciência, que prioriza o isolamento de um fenômeno específico, como se ele por si só, acontecesse de forma independente e não influenciativa nos diversos fenômenos da humanidade. Logo, é preciso estudarmos os fenômenos a partir das ações do Homem. Um homem, que como ser incompleto e inacabado que é, conduzirá suas ações na constância de suas relações com os outros e com o mundo, na busca de sua identidade(MEDINA,1986:46).

Como vimos no decorrer deste estudo, é impossível falarmos das ações do homem sem falarmos do instrumental destas ações, aqui no caso, o *corpo*. Percebemos que este corpo por se constituir num elemento fundamental de consciência e independência no mundo dos homens, também é alvo de modelos manipulativos da conduta dos mesmos por parte de poderes, que chamam para si o direito (em vista de interesses próprios!) de estabelecerem padrões.

O corpo portador de deficiências sofre muito com o conflito manipulação x libertação dos poderes exercidos sobre o mesmo, primeiro porque a ele não é permitido se entender também, como agente ativo dos rumos deste conflito e também por que os poderes exercidos sobre um corpo, ditos contraproducente e dependente, é maior na medida em que ele representa um ônus, sem retorno à sociedade, porisso não é difícil perceber a perpetuação de "estigmas", "rótulos" e outros instrumentos usados pela a

mesma, no sentido de segregá-lo (inclusive *institucionalmente*) das discussões e/ou entraves designativos dos anseios sociais do homem.

Voltando mais uma vez à questão dos fenômenos, é preciso entender o fenômeno "corpo deficiente" como determinante e determinado de outros fenômenos humanos. Passamos pelas questões sociais, culturais, políticas...etc, que com certeza caracterizaram a atual visão de "corpo deficiente", não obstante se entendermos que isto é *história*, e que a mesma não existiria sem a efetiva "*praxicidade*" dos corpos, teremos a convicção de que o corpo portador de deficiência tem a sua *história* e como tal, o mesmo é possuidor de uma memória, consciência e acima de tudo, de um anseio de mudança. Nós, profissionais da área de educação, geralmente não temos a consciência da importância de conduzirmos nossa ação pedagógica, num sentido de estimular um processo de promoção humana a partir da criticidade do educando. Também, não consideramos a importância da aquisição do mesmo, da capacidade de se fazer leituras e interpretações da sua realidade, para que possa intervir e transformá-la de acordo com as suas necessidades.

O professor precisa ter conhecimento de que como educador o seu veículo de linguagem também é o corpo, e como tal, com o corpo do educando o educador também estabelece a interrelação construtiva da história. Em função disto, o corpo "deficiente" não deve jamais ser encarado de forma isolada ou passiva, e muito menos, que ele se coloque a mercê das convenções sociais estabelecidas (padrões, normas e valores), não questionadas, e que em nada contribuirão para um despertar de

um homem portador de deficiência (porém não "deficiente") consciente e sabedor de suas possibilidades no mundo.

Sabemos que vivemos numa sociedade instituída por um discurso hegemônico, que se utiliza de todos os meios disponíveis para a manutenção do *STATUS QUO*. Sabemos também que ela valoriza os indivíduos desprovidos de certo criticismo, que sejam saudáveis e que reproduzam os interesses dominantes. Neste contexto não é difícil perceber que todos os indivíduos que não se identifiquem com este caráter, sejam colocados à margem da sociedade, o que não podemos aceitar contudo, é a caracterização de uma *consciência ingênua* (FREIRE P., 1975) por parte dos profissionais de Educação Física, que atuam com os corpos das pessoas portadoras de deficiências no que diz respeito ao seu significado na reflexão das segregações. Não tenho a pretensão de firmar um ponto final com este estudo na discussão da condição da pessoa portadora de deficiência na realidade social do nosso país. Muitos estudiosos desta questão (no qual me referenciei) já colocam suas preocupações em relação a situação de segmentos minoritários da nossa sociedade, como as pessoas portadoras de deficiência por exemplo, o professor Apolonio Abádio do CARMO da Universidade Estadual de Uberlândia-MG é um exemplo claro disto, com seu trabalho: *"A sociedade Brasileira cria, "recupera" e discrimina a Pessoa Portadora de Deficiência Física"*, ele resgata com muito mais sensibilidade e rigor científico as questões aqui abordadas.

Por fim, como aluno que inicia os estudos na pós-graduação, não me abdicaria do reconhecimento das limitações deste estudo, mesmo por que o nível de exigência de um curso de especialização, aliado a falta de tempo de estudar, em função de

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMIRALIAN, M.L.T.M. *Psicologia do Excepcional*. São Paulo: E.P.U- Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.

BRUNS, H.T.(Org.) *Conversando sobre o Corpo*. 3ª Ed. Campinas: Papirus, 1989.

CARMO A.A. *Estigma, Corpo e "Deficiência"*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte 9(3) 5-8, 1988.

CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: A História que não se Conta*. Campinas: Papirus, 1988.

FREIRE, J.B. *Rumo ao Universo...do Corpo*. In: OLIVEIRA, V.M.(Org.) *Fundamentos Pedagógicos: Educação Física 2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico Ltda, 1987.

FREIRE, P. *Conscientização*. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

GEBARA, A. & MOREIRA W.W.(Org.) *Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.

MEDINA, J.P.S. *A Educação Física cuida do Corpo e "Mente"- Bases para a Renovação e Transformação da Educação Física*. 6ª Ed. Campinas: Papirus, 1986.

----- *O Brasileiro e seu Corpo*. 2ª Ed. Campinas: Papirus, 1986.

MORAIS, R. *Consciência Corporal e Dimensionamento do Futuro*. In: GEBARA, A. & MOREIRA W.W.(Org.) *Educação Física & Esportes: Perspectivas para o Séc. XXI*. Campinas: Papirus, 1992.

MOREIRA, W.W. *Corpo Vivido - Corpo Pensado: O Corpo nas mãos dos Profissionais de Educação Física*. Campinas: Texto datilografado do curso de Especialização em Educação Motora na Escola da FEF/UNICAMP, 1993.

QUEIROZ, M.I.P. *Relatos Orais: do "Indivisível" ao "Divesível"* In: VON SIMSON, O.M.(org.) *Experimentos com Histórias de Vida - (Itália-Brasil)*. São Paulo: Revistas dos Tribunais Ltda, Vértice, 1988.

SANTIN, S. *Perspectivas na Visão de Corporeidade*. In: GEBARA, A. & MOREIRA, W.W.(org.) *Educação Física & Esportes: Perspectivas para o Século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.

SAVIANI, D. *Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica*. 2ªEd. São Paulo: Cortez, 1982.

SÉRGIO, M. *Motricidade Humana: Um Paradigma Emergente*. In: GEBARA, A. & MOREIRA, W.W.(org.) *Educação Física & Esportes: Perspectivas para o Século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.

SEVERINO, A.J. *Metodologia do Trabalho Científico: Diretrizes para o Trabalho Didático-Científico na Universidade*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez & Moraes Ltda, 1975.

SILVA, O.M. *O Significado da Integração Social das Pessoas Deficientes*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte 9(3) 9-15, 1988.